Sobre algumas imagens em Robert Walser

About some images in Robert Walser

Marta Lucia Pereira Martins¹

Se Walser tivesse mil leitores, o mundo seria um lugar melhor.

Hermann Hesse

Resumo: Apesar de ter sido um escritor admirado por Franz Kafka e Walter Benjamin entre outros, Robert Walser é ainda pouco conhecido e publicado no Brasil. Foi autor de poesias, novelas, e micro-narrativas. Este artigo trata de como o escritor lida em seus textos com algumas imagens que se situam entre as narrativas do campo literário e plástico-visual.

Palavras-chave: Robert Walser, literatura, imagens, modernidade, pintura.

Abstract: Despite the fact of being admired by writers such as Franz Kafka and Walter Benjamin among others, Robert Walser is still little known and published in Brazil. He was an author of poetry, novels, and micro-narratives. This article discusses how the writer deals in his texts with some images that are between the narratives of literary and plastic-visual fields.

Keywords: Robert Walser, literature, images, modernity, painting.

1 Doutora em Literatura pela UFSC. Professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina,

Robert Walser na juventude. (fotografia de 1913)

O escritor suíço Robert Walser (1878-1956) permaneceu até recentemente bem pouco conhecido no Brasil, muito embora tenha sido admirado por autores como Franz Kafka, Robert Musil, Walter Benjamin e Herman Hesse. Walser nasceu em Biel, na Suíça, em 1878. Foi um poeta celibatário, um pouco andarilho, um pouco vagabundo, um pouco trabalhador assalariado, escrevia em pedaços de papel e não suportou o movimento do mundo, internando-se voluntariamente num hospício de Berna em 1929, tendo sido transferido para uma instituição de Herisau em 1933. Morreu em 1956 numa de suas caminhadas na neve, tendo sido encontrado por crianças numa tarde de Natal. Autor de quatro romances e inúmeros poemas é nas prosas curtas que sua obra genial se revela. Com maestria absoluta de um estilo único e uma escrita inigualável, Walser é considerado a mais forte influência sobre a prosa curta de Kafka. Com mais de quarenta minicontos, solilóquios, esquetes e improvisos escritos entre 1907 e 1929

Absolutamente Nada e outras histórias,² recentemente traduzido ao português, brinda-nos um amplo panorama de seus escritos.

Apesar de ser ele próprio um personagem trágico, triste e incrivelmente humano, sua obra nunca teve um apelo popular que valorizasse sua relevância estética. Caminhadas pelo campo, quartos alugados, cartas de amor, pedidos de emprego, a novidade do uso das calças compridas pelas mulheres, árvores e flores, são a matéria prima de seu humor e de sua narrativa delicada. Chama a atenção, neste livro breve, a inovação na forma proposta. Há muitas similaridades da literatura de Walser com sua vida pessoal. Assim, como seus textos, ele também foi pouco compreendido em sua época. E, como seu estilo narrativo, morreu enquanto caminhava. As caminhadas textuais de Walser o fazem encontrar seres peculiares ou únicos que são rapidamente apresentados e ganham voz narrativa. Na maior parte das imagens, nas micro-narrativas de **Absolutamente Nada**, a certeza da solidão humana e sua inevitabilidade constantemente reaparece.

Por meio de textos, à primeira vista, quase *nonsense* e, às vezes de um humor extravagante, se encontram as interrogações e os profundos receios do autor sobre várias questões da sociedade, pois apesar de todas as caminhadas e reflexões, Walser nunca nela se encaixou, permanecendo alheio através de sua movimentação física ou subjetiva. Lê-lo é como ver um filme: os personagens estão sempre caminhando, os cenários estão sempre passando, como algo que nunca é estático. Nessa constante locomoção de ideias e personagens, Walser faz uma literatura de viagem praticamente sem ir muito longe, porém sem amarras ou combustível. São páginas onde as imagens parecem vistas e posteriormente descritas à lupa. A narrativa walseriana lembra um filme fotográfico onde uma imagem segue a outra. Walser era adepto de longas caminhadas e sua escrita caminheira revela a intimidade com as coisas e seres passageiros:

De passagem, os olhos de uma mulher me falaram: ‘Venha comigo. Saia desse turbilhão, deixe essa gente toda e fique com aquela que pode fazê-lo forte. Se me for leal, ficará rico. Nesse tumulto, você é pobre’.

Queria já obedecer àquele chamado, mas a torrente arrastou-me adiante. A rua era demasiado arrebatadora.

Então cheguei ao campo, onde reinava a quietude. Perto, um trem com janelas vermelhas passou zunindo. Na distância, podia-se ouvir baixinho o ir e vir, o sutil e incessante trovejar do tráfego.

Caminhei pela beira da floresta e murmurei um poema de Brentano. A lua espiava através dos galhos.

De súbito, notei a pequeníssima distância uma pessoa que, parada e imóvel, parecia espreitar-me.

Circundei-a, contemplando sem cessar, o que a desgostou, porque ela me disse: ‘Venha logo para cá e me olhe direito. Não sou o que você pensa’.

2 WALSER, Robert: **Absolutamente nada e outras histórias**. (tradução de Sérgio Tellaroli) São Paulo, Ed 34, 2014. Para essa análise foram também utilizados os seguintes livros: **Histórias de imagens**. (tradução de Pedro Sepúlveda) Lisboa, Edições Cotovia, 2011 e **Jakob Von Günten, um diário**. (tradução de Sérgio Tellaroli) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Caminhei até ela. Era como qualquer outra; tinha apenas um aspecto singular, nada mais. E voltei a tomar a direção da luz e da rua.³

Desvanecimento, impermanência e solidão onde o narrador, na maior parte das vezes, de passagem, é um observador íntimo do mundo:

Hoje caminhei pelas montanhas. O tempo estava úmido e toda a região cinzenta. Mas a estrada estendia-se macia e em alguns pontos, muito limpa. (...) Caminhar pela estrada maravilhosa proporcionava-me grande prazer, cada vez maior; o caminho ora subia, ora tornava a descer. As montanhas eram grandes, pareciam girar, um mundo de montanhas que, para mim, era um portentoso teatro. (...) Topei com um jovem trabalhador que, de mochila nas costas, me perguntou se eu tinha visto dois outros jovens. Não, respondi. Quis saber se eu vinha de longe. Sim, respondi, e segui meu caminho. (...) ⁴

Walser pertenceu a uma geração de escritores de vanguarda, na qual se efetiva poética e estilisticamente, a fundamental revolução da literatura moderna por meio da desarticulação de uma totalidade e da quebra do estilo clássico. Com uma obra caracterizada por um misto de graça, pudor, simplicidade e uma fina e arguta ironia, ele integra o time dos escritores portáteis, compilados por Enrique Vila-Matas, em **Bartleby e Companhia**. Nesse livro, Vila-Matas se detém sobre a figura do personagem Bartleby, de Herman Melville, um modesto escrivão de um cartório de Wall Street que começa a responder a tudo e a todos com um sonoro “preferiria não o fazer”, o que gera situações angustiantes e ao mesmo tempo engraçadas. Vila-Matas circunda a essência de Bartleby, reconhecendo nela uma “pulsão negativa ou a atração pelo nada”, que é partilhada por alguns escritores do “não”, entre os quais, inclui Walser por conta de suas atividades profissionais e escrita pouco ambiciosas⁵:

Robert Walser sabia: escrever que não se pode escrever também escrever. Entre os muitos empregos subalternos que teve—balconista de livraria, secretário de advogado, bancário, operário em uma fábrica de máquinas de costura e, finalmente, mordomo em um castelo da Silésia —, Robert Walser se retirava de vez em quando em Zurique, para a Câmara de Escrita para Desocupados (o nome não pode ser mais walseriano, mas é autêntico) e aí sentado em uma velha banqueta, ao entardecer, à pálida luz de um lampião de querosene, servia-se de sua graciosa caligrafia para trabalhar como copista, para trabalhar como “*bartleby*”.⁶

3 WALSER, Robert. *A Rua*. In: **Absolutamente nada e outras histórias**. . (tradução de Sérgio Tellaroli) SP, Ed 34, 2014.

4 WALSER, Robert: *Pequena caminhada*. In: **Absolutamente nada e outras histórias**. (tradução de Sérgio Tellaroli) SP, Ed 34, 2014

5 VILA-MATAS, Enrique: **Bartleby & Companhia**: São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

6 Op Cit. pp.: 11 – 12.

Robert Walser é lembrado por Vila_Matas como parte de um grupo: o dos discretos escreventes, mas radicais opositores do mundo e sua realidade brutal. Mundo no qual exercem uma falsa obediência às instituições, com suas vidas aparentemente normais, mas onde a solidão predomina. Dentro desse mesmo regime da negação como eixo da escrita, das quais a vida e a obra de Walser pertencem, o escritor argentino Cesar Aira indaga: “O que mais devemos abandonar? Que outra coisa devemos calar? De que novos giros de tempo devemos fugir?”. A respeito da renúncia literária⁷ Aira argumenta que é do abandono que nasce todo o afeto pela fatura. Abandonar inclusive a renúncia ao seguir escrevendo ou criando dentro do sistema das artes como um todo. Aira vai ainda além, reconhecendo, na literatura, um ramo peculiaríssimo do saber de onde não se obtém nenhum proveito prático, pois, pelo contrário, ela é embarque numa “atividade antissocial, ociosa e solitária”. Assim, a literatura não é uma obrigação, é um gesto de resistência.

A elegância da resistência nos textos de Robert Walser, deve muito à descrição da vida ordinária, muitas vezes, a partir do ponto de vista dos assalariados, do trabalhador comum. O próprio Walser, vivendo de quarto em quarto, sem residência fixa, sem bens nem posses — solitário como sua própria escrita. Escrita que é composta de imagens que se sobrepõem e, às vezes também se justapõem às outras imagens. **Histórias de Imagens** reúne 25 textos sobre pintura. Esta compilação possui páginas encantadoras do estilo de Walser na literatura e, ao mesmo tempo, sua sagacidade de espectador e admirador da pintura: “Fica-se horrorizado quando a arte não consegue nada mais belo do que revelar o seu ter, dever, querer, perante as almas que a olham.”⁸ O interesse deste livro, que tanto nos remete ao caráter despretensioso de Walser, reside no fato de seu texto em esboço ser muito adequado à fronteira onde termina a pintura e começa a escrita. A intimidade do escritor com a pintura é oriunda de sua interlocução precoce com seu irmão Karl, que era pintor e do qual Robert foi modelo para um quadro ainda na juventude. Walser passeia pelos quadros adentro e nos brinda com pormenores que nos deixam perplexos com a sua perspicácia. Às vezes é como se o quadro ganhasse vida e continuasse a ser pintado na página escrita, como na referência poética ao quadro *A queda de Ícaro*, de Pieter Bruegel, o Velho, (cerca de 1558) :

De reconhecer, contudo, os dons
da força empreendedora. O que aqui escrevi
devo-o à recordação de um quadro de Bruegel
ao qual dediquei a maior atenção
por me parecer extraordinário.
Todo o desejo
De superação

7 AIRA, Cesar: **Pequeno Manual de Procedimentos**. Curitiba: Arte & Letra, 2007.

8 WALSER, Robert: **Histórias de Imagens**. Lisboa: Edições Cotovia, 2011.

Da vida comum

Confere um propósito à vida.

Ao escrever apaixonadamente sobre arte, Walser se mantém fiel ao princípio de não exercer influências no leitor, não proferindo juízos de valor estético, apenas respondendo aos estímulos que os quadros lhe provocam, a ponto de serem “concluídos” na sua escritura. Há, nesse procedimento, muito de se permitir ou se dar ao direito de aproximar a literatura da pintura através da premissa comum de serem, ambas, territórios da investigação criativa da fantasia. Em um dos textos de em **Histórias de Imagens** Walser narra o período em que viveu num acolhedor quarto alugado, onde havia pendurado, na parede, uma cópia do quadro Apolo e Diana, de 1530 de Lucas Cranach.

A proprietária da casa, a senhora Amschreiber remove a cópia da parede, colocando-a virada para baixo na mesa de Walser, em sinal de reprovação, o que move o escritor a escrever-lhe um bilhete inspirado num “conceito errado de moralidade”:

Estimada senhora, será que o quadro, que muito prezo, por ser todo ele de uma beleza pura, lhe causou algum incomodo, para que tenha concluído dever removê-lo da parede? Considera o quadro feio? É de opinião de que se trata de um quadro indecente? Se assim é, peço-lhe simplesmente que não o queira olhar. Apelo, contudo à generosidade que creio reconhecer-lhe, estimada senhora, pedindo-lhe humildemente que me conceda a possibilidade de colocar o quadro novamente onde estava. Irei recoloca-lo, sem demora, na parede, na convicção de que ninguém tornará a removê-lo.” A senhora Amtschreiber eu e levou consigo a nota. Que idiota! Dizer palavras tão duras a uma senhora tão amável. Mas a verdade é que estas palavras tiveram um excelente resultado. Depois deste episódio, a senhora Amschreiber foi sempre muito amável comigo. Admirável, o seu comportamento, admirável! Até as minhas calças rotas me pediu, a senhora Amtschreiber para as remendar.⁹

O trecho de *Apolo e Diana*, citado acima, é o primeiro do livro **História de Imagens** e, a seguir, há uma poesia dedicada a essa cópia do quadro (tão estimada pelo escritor) e justamente intitulada *Apolo e Diana de Lucas Cranach*.¹⁰ A poesia se dá na forma de imagens construídas a partir de um diálogo, num encontro, ao acaso, na floresta entre os dois deuses que, possuem diferenças paradoxais em suas funções na natureza: “Diana: “Persegues pobres e inocentes criaturas, como este delicado veado, que me serve, com seu corpo macio, de assento, como se fosse um divã (...)” Apolo: “Amo-te e não posso fazer mais nada senão obedecer-te zelosamente. Deixo, pois de parte a caça, assim como todas as distrações cruéis.”¹¹ A escrita potente de Walser gira em torno de libertadoras digressões. Ela agita o interior da pintura dissolvendo-a no tempo. Sem se preocupar com a utilização de metáforas, códigos de linguagem ou simbologias oriundas da história da arte, ele entra diretamente na materialidade da pintura, tornando-a parte do mundo.

Walter Benjamin, no breve ensaio sobre Robert Walser, observa que o autor suíço: “nos confronta com uma selva linguística aparentemente desprovida de toda intenção e, no entanto, atraente e até fascinante, uma obra displicente que contém todas as formas, da graciosa à amarga”.¹² Na leitura de Benjamin, essa obra contraria a ideia de um texto cultivado ou nobre e contém uma negligência insólita. Ao considerar o fato de que Walser não revisava seus textos, o filósofo alemão assinala que, “escrever e jamais corrigir o que foi escrito constitui a mais completa interpretação de uma extrema

9 WALSER, Robert: Op cit, pp.: 9 – 11.

10 WALSER, Op Cit, pp.: 12 – 15.

11 WALSER, Op Cit, pp.: 14 – 15.

12 BENJAMIN, Walter: *Robert Walser*. In: **Magia e técnica, arte e política**. SP: Brasiliense, 1998.

ausência de intenção e de uma intencionalidade superior”. Benjamin percebe que, para Walser, o “como” do trabalho textual é tão importante que, tudo o que tem a dizer, recua totalmente diante da significação da escrita em si mesma, que leva a uma desapareição do conteúdo no ato de escrever, onde também revelaria uma característica de certo “pudor linguístico, tipicamente camponês. Assim que começa a escrever sente-se desesperado”.¹³

Benjamin pergunta ainda: “de onde vêm os personagens de Walser”? E, responde:

Eles vêm da noite, quando ela está mais escura, uma noite veneziana, se se quiser, iluminada pelos precários lampiões da esperança, com um certo brilho festivo no olhar, mas confusos e tristes a ponto de chorar. Seu choro é prosa. O soluço é a melodia das tagarelices de Walser. O soluço nos mostra de onde vêm os seus amores. Eles vêm da loucura, e de nenhum outro lugar. São personagens que têm a loucura atrás de si, e por isso sobrevivem numa superficialidade tão despedaçadora, tão desumana, tão imperturbável. Podemos resumir numa palavra tudo o que neles se traduz em alegria e inquietação: todos eles estão curados. Mas não compreenderemos jamais como se processou essa cura, a menos que nos aventuremos no seu ‘Branca de Neve’, uma das mais profundas criações da literatura moderna, que bastaria para entendermos por que Walser, aparentemente o menos rigoroso dos escritores, foi o autor favorito do implacável Franz Kafka.¹⁴

Benjamin nota que suas narrativas são extraordinariamente ternas, mas não são movidas pela tensão nervosa da decadência, e sim pelo estado de espírito puro e ativo do convalescente. “Assusta-me a ideia de ter sucesso na vida”, diz Walser. Todos os seus heróis partilham esse sentimento”.¹⁵

Há um pequeno conto no livro **Absolutamente nada e outras histórias**, *A solicitação de emprego* que ilustra o argumento acima. Trata-se da solicitação de emprego feita por um certo “Winzel” a uma empresa:

(...) Tarefas grandes e difíceis não posso cumprir, e obrigações de natureza mais vasta são demasiado complexas para minha cabeça. Não sou particularmente sagaz e, o mais importante, não me agrada fatigar em demasia minha capacidade de compreensão; sou antes um sonhador que um pensador, antes um zero a esquerda que um auxílio, antes burro que perspicaz. Por certo, em sua instituição altamente ramificada, que imagino pródiga em funções e subfunções, há de haver um tipo de trabalho que possa ser realizado como num sonho. Sou, para dizê-lo francamente, um chinês, isto é, uma pessoa para a qual tudo que é pequeno e modesto parece belo e adorável, e terrível e pavoroso tudo quanto é grande e assaz desafiador. A paixão por ir longe neste mundo me é desconhecida.¹⁶

De fato, Benjamin aprecia a falta de ambição ou modéstia dos personagens de Walser, que não seriam movidos por crises nervosas ou por estarem em decadência, mas pelo

13 BENJAMIN, Walter: Op Cit.

14 BENJAMIN, Walter: Op Cit.

15 BENJAMIN, Walter: Op Cit.

16 WALSER, Robert: *A solicitação de emprego*. In: **Absolutamente nada e outras histórias**. (tradução de Sérgio Tellaroli) São Paulo, Ed 34, 2014.

“estado de espírito puro e ativo do convalescente”. A convalescência como um estado de desfrute verdadeiro da natureza e da ternura, mas também de si mesmos. Não por desprezarem o mundo, terem quaisquer ressentimentos morais ou algo semelhante, mas: “Por razões inteiramente epicurianas. Eles querem desfrutar de si mesmos. Nisso, tem uma habilidade incontestável. Uma nobreza incontestável. E um direito incontestável.”¹⁷ Esse estado um tanto mítico é o lugar dos sobreviventes dos contos de fada.

“Coisas inteligentes, belas e sutis me ocorrem aos montes, mas toda vez que preciso pô-las em prática elas não dão certo ou me abandonam, e lá fico eu, com cara de jovem aprendiz incapaz de aprender”, diz um dos personagens, Helbling, um deslocado funcionário de banco às voltas, o tempo todo, com seus desajustes no mundo:

Estou de fato doente? Tem tanta coisa errada comigo, falta-me tudo na verdade. Seria eu um homem infeliz? Possuiria predisposições incomuns? Seria uma espécie de doença ocupar-se continuamente, como faço, de questões como essas? Seja como for, não é coisa muito normal. Hoje, mais uma vez cheguei ao banco com dez minutos de atraso. Não consigo mais chegar no horário correto, como os outros. Na verdade eu deveria estar sozinho no mundo, eu Helbling, e nenhum outro ser vivo. Nenhum sol, nenhuma cultura, eu, nu, no alto de um rocha, nenhuma tempestade, nem uma única onda sequer, nenhuma água, nenhum vento, nenhuma rua, nenhum banco, nenhum dinheiro, nenhum tempo, nenhuma respiração.¹⁸

Helbling expressa, sem dúvida, a potência da negatividade dos *bartebllys* descritos por Vila-Matas, para colocar em discussão o espaço da narrativa contemporânea. Walser compartilha com Kafka a condição de narrarem em língua estrangeira na própria língua. O alemão “burocrático” do primeiro e o “camponês” do segundo, faz com que se encontrem fora dos cânones — eles são “raros”, estranhos, unheimlich (no sentido atribuído por Freud ao termo, o de algo ao mesmo tempo familiar e inquietante), frente à norma de narradores mais ou menos convencionais. Apesar das rupturas vanguardistas que seguem produzindo, Walser e Kafka trazem singularidades, rarezas muito próprias em que apresentam uma tendência comum em desviarem-se (de uma maneira semelhante), dos pressupostos e das formas com as quais a literatura em língua germânica canônica se constituiu. Walser pertence a uma geração de escritores na qual se configura com poesia extrema a grande transformação da literatura moderna por meio da desarticulação da totalidade e do estilo clássico. Geralmente as formas e conceitos encontrados em grandes autores de origem germânica estão em consonância com um desejo sublime de integração entre homem e natureza, ou entre a própria comunidade humana. Em Walser vemos que há nos personagens como que um prazer e uma potência na desativação de um centro próprio de energia, são distanciados e estão de passagem pelo mundo. Nada mais longe das figuras heróicas erigidas sobre si mesmas, na experiência de uma subjetividade que se eleva do cânone literário — muito pelo contrário, na escritura walseriana, encontra-se o fracasso e a falha da grandiosidade: “Como vivem em geral os autores de pequenos textos, novelas e romances? A essa

17 BENJAMIN, Walter: *Robert Walser*. In: **Magia e técnica, arte e política**. SP: Brasiliense, 1998.

18 WALSER, Robert: *A história de Helbling*. In: **Absolutamente nada e outras histórias**. (tradução de Sérgio Tellaroli) São Paulo, Ed 34, 2014.

pergunta, pode-se - ou deve-se – responder da seguinte maneira: em grande desamparo e pobreza.”¹⁹

Elias Canetti, um profundo e contundente leitor de Walser escreveu: “Robert Walser me toca mais e mais, especialmente em sua vida. Ele é tudo aquilo que não sou: desamparado, inocente e, de uma maneira sedutoramente pueril, genuíno”, diz o escritor-filósofo.²⁰ Canetti começa com entusiasmo seu texto: “Topei com Robert Walser, entre muitos, entre uma centena de outras coisas: o mais vivo”. E acrescenta de modo um tanto provocador que “diante dele, Kafka empalidece”:

Ele é o mais encoberto de todos os poetas. Sempre está muito bem, sempre está encantado com tudo. Mas a sua exaltação é fria, porque deixa de fora uma parte da pessoa, e por isso ela também é sinistra. Tudo nele se torna natureza exterior, e ele passa a vida inteira renegando a essência, o que há de mais interior, a angústia”. Note-se que Canetti trata os escritores como poetas, e os romances como poesia. Por isso diz que a “poesia” de Walser “é a tentativa incessante de calar a angústia. Sua aversão profunda e instintiva a tudo o que é ‘superior’, principalmente a tudo o que tem fama e pretensão, faz dele um dos poetas essenciais do nosso tempo, um tempo que sufoca de poder. Temos pejo de chamá-lo de um ‘grande poeta’, segundo os hábitos linguísticos correntes, nada lhe repugna tanto quanto o que é ‘grande’. É apenas o brilho da grandeza ao qual ele se rende, não a sua pretensão. Seu prazer é a observação do brilho sem participar dele. Não se pode lê-lo sem se envergonhar daquilo que importou na vida exterior e assim ele é um santo por direito próprio, e não segundo regras ultrapassadas e esvaziadas.”²¹

Canetti é leitor devotado e cita ainda uma frase de Walser — “Só consigo respirar nas regiões inferiores” — para concluir que se trata do “lema dos poetas”. Ao examinar o homem, Canetti diz que “ninguém teria conseguido inventar um personagem tão insólito quanto Walser”, que recusou o sucesso, a grandeza e optou por exilar-se em hospitais psiquiátricos. “Ele é mais extremo do que Kafka, que sem ele jamais teria surgido, que ele ajudou a criar”. Gilles Deleuze observou, a respeito de Kafka, que:

Não significa que os grandes autores, os grandes artistas sejam doentes, mesmo que sublimes, nem que se busque neles a marca de uma neurose ou psicose, como um segredo presente em sua obra, como a chave de sua obra. Não são doentes; ao contrário, são médicos, médicos muito especiais. A obra de Kafka é o diagnóstico de todas as potências diabólicas que nos esperam.”²²

A ideia posta por Deleuze, dos criadores como potencialmente visionários, curadores de determinadas situações que estão para além dos sintomas encontrados em suas vidas

19 WALSER, Robert: *Poetas*. In: **Absolutamente nada e outras histórias**. (tradução de Sérgio Tellaroli) São Paulo, Ed 34, 2014.

20 CANETTI, Elias. **Sobre os Escritores**. tradução de Kristina Michahelles. São Paulo: José Olympio, 2009.

21 CANETTI, Elias. Op Cit.

peçoais²³, nos leva a pensar que Walser prefigurou concepções literárias muito avançadas para seu tempo. Escrever é falar sozinho e tem relação com uma tarefa árdua, mas improdutiva e não participativa com todas as ambivalências possíveis. Novamente em *A história de Helbling*, uma narrativa exemplar onde claramente se manifestam, de forma paradoxal, algumas imagens do pensamento do escritor suíço, pois costuma afirmar através dos personagens, simultaneamente uma coisa e seu oposto, podemos ler que: “Em pé diante da secretária, posso contemplar por meia hora seguida o resto da sala ou a vista da janela. A pena com a qual deveria escrever, eu a seguro na mão inativa.” Ou ainda: “Quando não devo pensar, aí é que eu penso, e quando é meu dever fazê-lo, não consigo.”²⁴

Do mesmo modo, na novela **Jakob Von Gunten, um diário**²⁵, nos confrontamos com elementos autobiográficos fundidos na trama. Sob a forma de um diário, Walser conta a história de Jakob, um jovem de origem nobre que se inscreve no Instituto Benjamenta, uma escola que se dedica a formação de criados. Apesar de querer aprender a servir e ser humilde, Jakob ainda mantém em si uma boa parte de arrogância e atrevimento, e dessa duplicidade de caráter da qual o escritor suíço detém maestria narrativa, as imagens da novela se constituem:

Conseguirei logo uma colocação? Espero que sim. Juntas minhas fotografias e cartas de solicitação de emprego produzem, imagino, impressão favorável. Faz pouco tempo, estive com Schilinski, pela primeira vez num café-concerto. Como ele tremia pelo corpo todo de timidez! Comportei-me mais ou menos como um pai amoroso. O garçom mediu-nos de cima a baixo e teve a ousadia de nos deixar plantados ali. Como, porém, com expressão bastante severa, solicitei que nos atendesse, ele de pronto se tornou gentil e nos trouxe cerveja clara em copos altos e graciosamente talhados. Ah, sim, uma pessoa tem de saber se apresentar. Quem, com o devido decoro, sabe se impor recebe tratamento senhorial. É preciso aprender a dominar as situações. Sei muitíssimo bem jogar a cabeça para trás, como se estivesse indignado, ou antes, surpreso, com alguma coisa. Olho ao redor como quem diz: “Que é isso? Como assim? São todos loucos por aqui?”. Funciona. Além do mais, graças a Deus aprendi no Instituto Benjamenta a manter certa postura. Sim, as vezes é como se eu tivesse o poder de brincar à vontade com o mundo e com tudo que há nele.²⁶

22 DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. SP: 34; 3. Edição, 2000. Deleuze observa que: “no ato de escrever há a tentativa de fazer da vida algo mais que pessoal, de liberar vida daquilo que a aprisiona. O artista ou o filósofo tem freqüentemente um organismo fraco, um equilíbrio pouco garantido, Espinosa, Nietzsche, Lawrence. Mas não é a morte que os quebra, é antes o excesso de vida que eles viram, provaram, pensaram.”

23 DELEUZE, Gilles. Op Cit.

24 WALSER, Robert: *A história de Helbling*. In: **Absolutamente nada e outras histórias**. (tradução de Sérgio Tellaroli) SP, Ed 34, 2014.

25 WALSER, Robert. **Jakob von Gunten, um diário**. (tradução de Sérgio Tolarolli) SP, Companhia das Letras, 2011.

26 WALSER Robert. **Jakob von Gunten, um diário**. (tradução de Sérgio Tolarolli); SP: Companhia das Letras, 2011. P.: 55.

Amiúde seus personagens cumprem papéis burocráticos, no entanto, suas tarefas são inoperantes. Se estudam, não aprendem nada, recusam o mundo da normalidade e sensatez, encontrando a verdade no desvio da regra.

Walser, além do prazer, nos proporciona a leitura como experiência e talvez proponha fazer da experiência humana, da consciência de viver, uma espécie de mudança antropológica.

Referências bibliográficas:

AIRA, Cesar. **Pequeno Manual de Procedimentos**. (Tradução: Edward Marquardt). Curitiba: Arte & Letra, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Robert Walser*. In: **Magia e técnica, arte e política**. (Tradução: Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1998.

CANETTI, Elias. **Sobre os Escritores**. (Tradução: Kristina Michahelles). São Paulo: José Olympio, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. (Tradução: Peter Pál Pelbart). São Paulo: Editora 34, 2000.

VILA-MATAS, Enrique. **Bartleby & Companhia**. (Tradução: Maria Carolina de Araújo e Josely Vianna Baptista) São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

WALSER Robert. **Absolutamente nada e outras histórias**. (Tradução: Sérgio Tellaroli). São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. **Histórias de Imagens**. (Tradução: Pedro Sepúlveda). Lisboa: Edições Cotovia, 2011.

_____. **Jakob von Gunten, um diário**. (Tradução: Sérgio Tolarolli). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.